



A Santa Sé

PAPA FRANCISCO

AUDIÊNCIA GERAL

Quarta-feira, 11 de Fevereiro de 2015 [\[Multimídia\]](#)

Caros irmãos e irmãs, bom dia!

Depois de ter meditado sobre a figura da [mãe](#) e do [pai](#), nesta catequese sobre a família gostaria de falar sobre o filho, ou melhor, os filhos. Inspiro-me numa linda imagem de Isaías. Escreve o profeta: «Os teus filhos vêm ter contigo para se reunir ao teu redor; chegam de longe. E as tuas filhas são carregadas no colo. Esta visão tornar-te-á radiante; o teu coração palpitará e dilatar-se-á!» (60, 4-5a). É uma imagem maravilhosa, uma imagem da felicidade que se realiza na reunião entre os pais e os filhos, que juntos caminham rumo a um futuro de liberdade e paz, após um longo período de privações e separação, quando o povo judeu está distante da pátria.

Com efeito, há um vínculo estreito entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações. Devemos pensar bem sobre isto. Com efeito, há um vínculo estreito entre a esperança de um povo e a harmonia entre as gerações. A alegria dos filhos faz palpitar o coração dos pais e reabre o porvir. Os filhos são a alegria da família e da sociedade. Não são um problema de biologia reprodutiva, nem um dos numerosos modos de se realizar. E muito menos uma posse dos pais... Não, os filhos constituem um dom, um presente: entendestes? Os filhos são uma dádiva! Cada um é único e irrepetível; mas, ao mesmo tempo, está inconfundivelmente ligado às suas raízes. Com efeito, ser filho e filha, segundo o desígnio de Deus, significa trazer em si a memória e a esperança de um amor que se realizou precisamente acendendo a vida de outro ser humano, original e novo. E para os pais cada filho é singular, diferente, diverso. Permiti-me mencionar uma recordação de família. Lembro-me que de nós a minha mãe dizia — éramos cinco: «Tenho cinco filhos!». Quando lhe perguntavam: «Qual é o teu preferido?», ela respondia: «Tenho cinco filhos, como cinco dedos. [Mostra os dedos da mão] Se batem num, faz-me mal; se batem noutro, também me faz mal. Em todos me faz mal. Todos eles são meus filhos, mas são diferentes como os dedos de uma mão». E assim é a família! Os filhos são diferentes, mas todos

são filhos.

Um filho é amado porque é filho: não porque é bonito, nem porque é assim ou diverso; não porque é filho! Não porque pensa como eu, nem porque encarna as minhas aspirações. O filho é filho: uma vida gerada por nós, mas destinada a ele, ao seu bem, ao bem da família, da sociedade, da humanidade inteira.

Daqui deriva também a profundidade da experiência humana do ser filho e filha, que nos permite descobrir a dimensão mais gratuita do amor, que nunca cessa de nos surpreender. É a beleza de ser amado primeiro: os filhos são amados antes de chegar. Quantas vezes encontro na praça mães que me mostram a sua barriga, pedindo a bênção... estas crianças são amadas antes de vir ao mundo. É algo gratuito, isto é amor; elas são amadas antes do nascimento, como o amor de Deus que nos ama sempre antes. São amadas antes de ter feito algo para o merecer, antes de saber falar ou pensar, até antes de vir ao mundo! Ser filho é a condição fundamental para conhecer o amor de Deus, que é a fonte derradeira deste autêntico milagre. Na alma de cada filho, por mais vulnerável que seja, Deus põe o selo deste amor, que está na base da sua dignidade pessoal, uma dignidade que nada, ninguém, poderá destruir.

Hoje parece mais difícil para os filhos imaginar o seu futuro. Os pais — disse-o nas catequeses precedentes — deram, talvez, um passo atrás e os filhos tornaram-se mais incertos na hora de dar passos em frente. Podemos aprender a relação entre as gerações do nosso Pai celeste, que deixa cada um de nós livre mas não sozinho. E quando erramos, Ele continua a acompanhar-nos com paciência, sem diminuir o seu amor por nós. O Pai celeste nunca desiste no seu amor por nós! Progride sempre e se não pode ir em frente, espera por nós, mas nunca caminha para trás; quer que os seus filhos sejam corajosos e que vão em frente.

Os filhos, por sua vez, não devem ter medo do compromisso de construir um mundo novo: é bom que eles desejem que seja melhor do que aquilo que receberam! Mas isto deve ser feito sem arrogância, nem presunção. É preciso saber reconhecer o valor dos filhos, e os pais devem ser sempre honrados.

O quarto mandamento exige que os filhos — como todos sabemos! — honrem o pai e a mãe (cf. Êx 20, 12). Este mandamento vem logo após aqueles que se referem ao próprio Deus. Com efeito, contém algo sagrado, divino, algo que está na raiz de todos os outros tipos de respeito entre os homens. E na formulação bíblica do quarto mandamento acrescenta-se: «para que os teus dias se prolonguem sobre a terra que te dá o Senhor, teu Deus». O vínculo virtuoso entre as gerações é garantia de futuro e de uma sociedade verdadeiramente humana. Uma sociedade de filhos que não honram os pais é uma sociedade sem honra; quando não se honram os pais perde-se a própria honra! É uma sociedade destinada a encher-se de jovens áridos e ávidos. Contudo, inclusive uma sociedade avarenta de geração, que não gosta de se circundar de filhos, que os considera sobretudo uma preocupação, um peso, um risco, é uma sociedade deprimida.

Pensem nas várias sociedades que conhecemos aqui na Europa: são sociedades deprimidas, porque não querem filhos, não têm filhos, e o nível de nascimentos não alcança nem sequer 1%. Porquê? Cada um de nós pense e responda. Se uma família generosa de filhos é considerada como se fosse um peso, algo não funciona! A geração de filhos deve ser responsável, como ensina a Encíclica *Humanae vitae*, do Beato Papa Paulo VI, mas ter mais filhos não pode tornar-se automaticamente uma escolha irresponsável. Não ter filhos é uma escolha egoísta. A vida rejuvenesce e adquire energias multiplicando-se: enriquece-se, não empobrece! Os filhos aprendem a responsabilizar-se pela sua família, amadurecem na partilha dos seus sacrifícios, crescem no apreço dos seus dons. A feliz experiência da fraternidade anima o respeito e a atenção aos pais, aos quais devemos a nossa gratidão. Muitos de vós aqui presentes têm filhos, e todos nós somos filhos. Façamos algo, um minuto de silêncio. Cada um de nós pense intimamente nos seus próprios filhos — se os tiver — mas em silêncio. E todos nós pensem nos nossos pais e demos graças a Deus pelo dom da vida. Em silêncio! Quantos têm filhos, pensem neles, e todos pensem nos nossos pais. [silêncio]. O Senhor abençoe os nossos pais e os vossos filhos!

Jesus, o Filho eterno, que se tornou filho no tempo, nos ajude a encontrar o caminho de uma nova irradiação da experiência humana, tão simples e tão grandiosa, de ser filho. Na multiplicação da geração há um mistério de enriquecimento da vida de todos, que vem do próprio Deus. Devemos voltar a descobri-lo, desafiando os preconceitos; e vivê-lo na fé, na alegria perfeita. E digo-vos: como é agradável quando passo no meio de vós e vejo pais e mães que erguem os seus filhos para ser abençoados; é um gesto quase divino. Obrigado porque o fazeis!

Saudações:

Queridos peregrinos de língua portuguesa, sede bem-vindos! O mundo de hoje precisa que os cristãos testemunhem a sua confiança em Deus, através de uma generosa e responsável abertura à vida. Faço votos de que vossas comunidades sejam lugares onde as famílias se sintam apoiadas na sua missão de colaborarem no projeto divino para a criação. Que Deus vos abençoe!

Acompanho com preocupação as notícias que chegam de Lampedusa, onde entre os imigrantes se contam outros mortos por causa do frio durante a travessia do Mediterrâneo. Desejo garantir a minha prece pelas vítimas e animar novamente à solidariedade, a fim de que a ninguém falte o socorro necessário.

Enfim, convido a rezar pelo Consistório, que terá lugar nos próximos dias. O Espírito Santo assista os trabalhos do Colégio cardinalício e ilumine os novos Purpurados e o seu serviço à Igreja.

Dirijo um pensamento especial aos jovens, aos doentes e aos recém-casados. Hoje celebra-se a memória litúrgica da Bem-Aventurada Virgem Maria de Lourdes e o Dia Mundial do Doente.

Caros jovens, sede «olhos para o cego e pés para o coxo»; amados doentes, senti-vos sempre sustentados pela oração da Igreja; e vós, dilectos recém-casados, amai a vida que é sempre sagrada, mesmo quando está marcada pela fragilidade e pela doença. Obrigado!